RESUMO
O presente artigo tem como objetivo discutir e fomentar a produção de conhecimento científico acerca da Arte e suas diversas manifestações, com ênfase em uma proposta educacional humanizadora que vise à formação integral do indivíduo. Defende-se que o ensino de Arte deve ser intencional, pautado em metodologias adequadas e na seleção criteriosa de conteúdos, possibilitando não apenas a compreensão estética, mas também a reflexão crítica sobre os movimentos artísticos, seus manifestos e tendências. Nesse sentido, propõe-se uma abordagem pedagógica que valorize o prazer e a criatividade como elementos fundamentais para o desenvolvimento pleno dos sujeitos no processo educativo. Este artigo discute também a importância da valorização das diversas linguagens artísticas no contexto educacional, defendendo uma abordagem emancipatória do ensino da arte. A partir de uma análise crítica das práticas pedagógicas tradicionais, partindo de uma reflexão sobre como o ensino das artes visuais, música, teatro, dança e outras formas de expressão pode contribuir para o desenvolvimento integral dos sujeitos. A perspectiva adotada valoriza a arte como linguagem, como forma de conhecimento e de construção de sentidos, rompendo com modelos que a reduzem a mera atividade complementar ou decorativa. Propondo uma reflexão sobre o ensino da arte sob uma perspectiva emancipatória, enfatizando a valorização de suas múltiplas linguagens enquanto formas legítimas de expressão e conhecimento. A análise parte de uma crítica às abordagens pedagógicas tradicionais que reduzem a arte à função decorativa ou técnica, restringindo seu potencial formativo. Defende-se a necessidade de superação de práticas pedagógicas limitadoras, por meio da proposição de um currículo que valorize a experimentação estética, a diversidade cultural e a escuta sensível como fundamentos do processo educativo. Ao se compreender a arte como linguagem e forma de conhecimento, o ensino artístico adquire relevância formativa ampliada, consolidando-se como elemento essencial na constituição de uma educação democrática, crítica e culturalmente significativa.

PALAVRAS-CHAVE: Arte. Manifestação. Humanizadora.

INTRODUÇÃO

A infância é uma fase crucial no processo de desenvolvimento humano, marcada por intensas descobertas e construção de aprendizagens significativas. Nesse período, aspectos essenciais relacionados à motricidade ganham destaque, uma vez que é na primeira infância que se intensificam os estímulos às habilidades motoras fundamentais, os quais contribuem diretamente para o convívio social e o desenvolvimento cognitivo, afetivo e físico das crianças.

Durante a Educação Infantil, as crianças são inseridas em um ambiente rico em experiências e propostas pedagógicas que favorecem a expressão corporal e o aprimoramento da motricidade. Criar, experimentar, movimentar-se e interagir tornam-se ações cotidianas que estimulam positivamente o desenvolvimento motor, contribuindo para a formação integral dos pequenos. A compreensão da motricidade como parte indissociável do desenvolvimento infantil permite que educadores ofereçam experiências significativas e planejadas, voltadas às necessidades reais de cada faixa etária.

A ausência de estímulos adequados ou a negligência quanto à importância das atividades motoras pode comprometer significativamente essa dimensão do desenvolvimento. Adultos que não tiveram oportunidades de explorar e desenvolver sua motricidade durante a infância tendem a apresentar inseguranças e dificuldades em sua vida cotidiana, o que evidencia a importância de um olhar atento e qualificado por parte dos educadores.

Nesse sentido, é fundamental reconhecer a Educação Infantil como um espaço pedagógico que vai além do cuidado, assumindo

o papel de mediadora do desenvolvimento motor das crianças. O ato de educar, nessa etapa, está intimamente ligado à promoção de experiências que envolvem o corpo, o movimento, a ludicidade e a criatividade, possibilitando que o processo de aprendizagem seja integral e prazeroso.

Este artigo tem como intenção discutir a relevância da motricidade no desenvolvimento infantil e destacar a Educação Infantil como agente essencial na construção dessas habilidades. Por meio de uma abordagem fundamentada em referenciais teóricos e observações de práticas pedagógicas, busca-se responder à seguinte questão norteadora: qual é o papel da educação na promoção da motricidade na primeira infância?

Assim, pretende-se apresentar uma reflexão embasada que contribua para a valorização do trabalho docente e para o aprimoramento das práticas pedagógicas voltadas ao desenvolvimento motor. A motricidade, como parte indissociável da formação humana, deve ser contemplada de forma intencional e contínua no cotidiano escolar, promovendo vivências que respeitem o ritmo, as potencialidades e as necessidades das crianças.

HISTÓRIA DA ARTE NO BRASIL:O CONCEITO DE ARTE.

O conceito de arte está diretamente relacionado ao ato de criar, transformar e expressar-se por meio de diferentes linguagens, seja através de técnicas manuais, tecnológicas ou simbólicas. Com o passar do tempo, tanto a percepção quanto o significado atribuído à arte foram se transformando, acompanhando os contextos sociais, culturais e históricos. Essa evolução envolve desde a separação entre arte religiosa e humanista até a concepção moderna da obra artística como resultado de processos criativos, e não apenas de talentos inatos.

No contexto brasileiro, a arte sempre teve papel relevante e foi influenciada por uma rica diversidade cultural, refletida nas manifestações regionais que compõem nossa identidade. As tradições, saberes populares e heranças culturais formam um mosaico de expressões artísticas que atravessam gerações, tornando a arte um instrumento de comunicação, pertencimento e transformação social.

Para compreender o ensino da arte no Brasil, é necessário resgatar marcos históricos importantes. Conforme aponta Picosque (1998), a chegada da Missão Artística Francesa, em 1816, promovida por Dom João VI, marca o início da institucionalização do ensino artístico no país, com a criação da Academia Imperial de Belas-Artes. Esse período coincide com o auge do barroco em Minas Gerais, ainda que o neoclassicismo – de inspiração grecoromana – tenha sido adotado pelas elites como o padrão estético ideal. A valorização da técnica, do heroísmo e do civismo, com forte presença do desenho acadêmico, passou a dominar o cenário artístico da época.

Nessa fase inicial, o ensino da arte era marcado por um modelo autoritário e tradicional. O professor ocupava a posição de detentor do conhecimento, enquanto aos alunos cabia apenas a reprodução de modelos preestabelecidos. Não havia espaço para diálogo, criatividade ou expressão pessoal; o processo educativo limitava-se a cópias e exercícios voltados à precisão e à coordenação motora, com o objetivo de preparar os alunos para o mercado de trabalho.

Segundo Martins (1998), os conteúdos eram majoritariamente voltados ao desenho técnico e geométrico, com enfoque funcionalista. A arte era vista como instrumento da ciência e da indústria, evidenciada pela inclusão, ainda que fragmentada, de disciplinas como "artes domésticas", "trabalhos manuais" e "artes industriais". Nessa organização, o ensino era segregado por gênero: às meninas ensinava-se atividades ligadas ao lar, como costura e bordado, enquanto os meninos aprendiam tarefas mais ligadas à marcenaria e ao trabalho com ferramentas, associadas à força física.

Somente nas décadas de 1950 e 1960, o ensino da arte começou a passar por uma ressignificação, valorizando-se a criatividade e a expressão individual do aluno. O papel do professor passou a ser o de mediador, alguém que proporcionava condições para que a criança ou jovem se expressasse de forma autêntica. O foco passou do produto final para o processo criativo, favorecendo

uma aprendizagem mais significativa.
Conforme destaca Martins (1998), essa mudança trouxe um novo olhar sobre o fazer artístico na escola, permitindo ao educando explorar sua subjetividade, desenvolver o pensamento crítico e ampliar sua visão de mundo. A arte, nesse contexto, passou a ser compreendida como direito de todos, um patrimônio cultural que contribui para a formação integral do ser humano.
A consolidação do ensino da arte como componente curricular ocorreu com a promulgação da Lei nº 5.692/1971, que instituiu oficialmente a Educação Artística no currículo escolar. No entanto, foi com a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN nº 9.394/1996) que o ensino de arte ganhou maior reconhecimento, tornando-se componente curricular obrigatório, conforme o artigo 26, §2º.
Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) reforçaram essa perspectiva, substituindo a nomenclatura "Educação Artística" por "Arte", reconhecendo-a como área do conhecimento e campo de construção cultural. A partir dessa concepção, entende-se que a Arte deve estar presente em todos os níveis da educação básica, promovendo o desenvolvimento sensível, estético e crítico dos alunos, por meio de diferentes linguagens, como artes visuais, música, teatro e dança.
Dessa forma, é fundamental que o ensino da arte nas escolas deixe de ser uma prática limitada a atividades esporádicas ou puramente técnicas, e passe a ser valorizado enquanto instrumento pedagógico capaz de contribuir para a formação integral dos sujeitos, estimulando o pensamento criativo, a sensibilidade e o diálogo com o mundo que os cerca.

DIFERENTES TIPOS DE MANIFESTAÇÕES ARTÍSTICAS

A dança é reconhecida como uma das principais manifestações artísticas e culturais da humanidade. Está presente na história dos povos como forma de expressão corporal que integra aspectos culturais, religiosos, sociais e de lazer. Toda e qualquer ação humana envolve movimento, e na dança, esse movimento ganha intencionalidade estética, unindo potencialidades afetivas, cognitivas e motoras.
De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs, 2000), o movimento está presente em todas as ações cotidianas da criança — ao correr, pular, girar ou subir, mesmo que de forma espontânea e em seu próprio ritmo de compreensão. O movimento, portanto, é mais que uma ação física: é também resposta mental e emocional. Nesse contexto, as atividades de dança no ambiente escolar tornam-se fundamentais, pois favorecem o conhecimento do corpo, o desenvolvimento da consciência corporal e a construção da imagem de si.
A dança, enquanto linguagem artística, possibilita que a criança desenvolva percepção sobre o mundo ao seu redor, por meio da experimentação do movimento e da interação com os outros. É necessário, portanto, que o educador adote um olhar sensível, respeitando a singularidade de cada aluno e reconhecendo-o como um ser único, criativo e
capaz. A escuta atenta e o acolhimento das expressões corporais favorecem um ambiente de aprendizagem significativo e prazeroso.
“Não é necessário que as aulas sejam acompanhadas por estímulos sonoros criados, pois no silêncio existem ritmos internos e externos que podem e devem ser explorados.” (PCNs, 2000, p. 69)
A dança pode ser compreendida como um meio de expressão em que o corpo fala, dialoga e representa emoções, ideias e sentimentos. Além disso, proporciona inúmeros benefícios nas dimensões psicomotora (desenvolvimento físico e motor), cognitiva (aquisição de conhecimento de si e do outro) e socioafetiva (interação social, expressão de sentimentos e empatia). A prática da dança na escola contribui para a formação integral do sujeito, valorizando sua cultura, identidade e criatividade.
O teatro, por sua vez, é outra importante manifestação artística, cuja origem remonta à cultura grega antiga, sendo historicamente utilizado como forma de expressão, crítica e celebração. No contexto escolar, o teatro contribui para o desenvolvimento de múltiplas habilidades, como a comunicação, a

criatividade, o trabalho em grupo e a valorização das expressões individuais e coletivas. A dramatização, quando inserida no cotidiano pedagógico, favorece a aprendizagem significativa, pois permite que os estudantes explorem diferentes linguagens para além da verbal. O teatro possibilita a criação de uma linguagem própria, construída por meio das interações e da escuta sensível. O mais importante é que não se exige do educador ou do aluno o domínio técnico da dramaturgia, mas sim a vontade de se expressar e de criar a partir de suas vivências e sentimentos.

"Gradualmente, a criança passa a compreender a atividade teatral como um todo: o seu papel de atuante e de observadora, o maior domínio sobre as linguagens e todos os elementos que a compõem." (PCNs, 2000, p. 85)

A prática teatral nas escolas também reforça o desenvolvimento da empatia e da escuta ativa, além de promover o respeito às diferentes formas de ser e pensar, por meio da valorização do coletivo e da diversidade cultural.

A música, por sua vez, é uma linguagem artística que acompanha o ser humano desde os primeiros momentos da vida. Ainda durante a gestação, a música pode atuar como canal de comunicação entre mãe e bebê, tornando-se parte fundamental da construção emocional e sensorial do indivíduo.

No ambiente escolar, a música possibilita a expressão emocional, o desenvolvimento da autoestima, o equilíbrio e a socialização. É uma linguagem que atravessa o currículo e pode ser integrada a diferentes áreas do conhecimento, contribuindo para a aprendizagem de forma lúdica, prazerosa e significativa. Para isso, é fundamental que o professor atue como mediador do fazer musical, criando espaços de escuta, experimentação e criação.

De acordo com os PCNs (2000), para que a aprendizagem musical seja significativa e formadora de cidadãos críticos e sensíveis, é necessário proporcionar oportunidades para que os alunos participem ativamente como ouvintes, compositores, improvisadores e intérpretes. Esse envolvimento acontece de maneira gradual, conforme os estudantes são estimulados e envolvidos no processo de descoberta e apreciação da linguagem musical.

A música também pode ser utilizada como estratégia metodológica em qualquer disciplina ou projeto pedagógico, dada sua ampla gama de significados e seu potencial integrador. Quando inserida de forma intencional no planejamento educativo, a música favorece a construção de sentidos e amplia as possibilidades de aprendizagem.

Não só a música como qualquer outro tipo de fazer artístico é influenciador para uma formação integral do indivíduo, pois possibilita que resgatem valores, aproxima a comunicação verbal e não verbal do indivíduo, tendo como objetivo principal a socialização dos grupos respeitando as semelhanças e diferenças de um modo que a história e a cultura desses grupos façam parte da história.

Com isso entende-se que a sala de aula antes de tudo deve ser um local transformador e emancipador de conhecimento, onde de uma forma prazerosa possa ser englobada de um modo geral todos os tipos de manifestos artísticos aqui citados juntamente aos demais, isso só é possível através do dinamismo e da interdisciplinaridade dos conteúdos.

A ARTE NA ATUALIDADE

Conforme discutido nos capítulos anteriores, ao abordarmos o conceito de arte, estamos nos referindo a uma ampla variedade de manifestações e fazeres artísticos. Diferentemente da realidade atual, em épocas passadas a arte era de difícil acesso e amplamente restrita a determinados grupos sociais. Apenas grandes nomes e obras consagradas eram reconhecidos e valorizados socialmente, o que evidencia o caráter elitista historicamente atribuído à produção artística. Essa perspectiva ainda se reflete em nossos dias, quando seguimos valorizando obras clássicas e autores que marcaram épocas, considerados representantes da chamada "arte da elite".

Com o advento da globalização e das transformações tecnológicas que a acompanham, a sociedade tem experimentado mudanças profundas nas formas de comunicação, produção e acesso à informação. A troca de dados e conteúdos, por vezes instantânea

e em escala global, permite hoje o contato com diferentes obras e autores de distintas culturas e regiões. Esse fenômeno, potencializado pelas tecnologias da informação e comunicação, redefine a forma como a arte é produzida, compartilhada e apreciada, sem, no entanto, anular seus princípios fundamentais enquanto expressão cultural e humana.

O presente artigo tem como objetivo discutir e fomentar a produção de conhecimento científico acerca da Arte e suas diversas manifestações, com ênfase em uma proposta educacional humanizadora que vise à formação integral do indivíduo. Defende-se que o ensino de Arte deve ser intencional, pautado em metodologias adequadas e na seleção criteriosa de conteúdos, possibilitando não apenas a compreensão estética, mas também a reflexão crítica sobre os movimentos artísticos, seus manifestos e tendências. Nesse sentido, propõe-se uma abordagem pedagógica que valorize o prazer e a criatividade como elementos fundamentais para o desenvolvimento pleno dos sujeitos no processo educativo.

Este artigo discute também a importância da valorização das diversas linguagens artísticas no contexto educacional, defendendo uma abordagem emancipatória do ensino da arte. A partir de uma análise crítica das práticas pedagógicas tradicionais, propõe-se uma reflexão sobre como o ensino das artes visuais, música, teatro, dança e outras formas de expressão pode contribuir para o desenvolvimento integral dos sujeitos. A perspectiva adotada valoriza a arte como linguagem, como forma de conhecimento e de construção de sentidos, rompendo com modelos que a reduzem a mera atividade complementar ou decorativa.

Propondo uma reflexão sobre o ensino da arte sob uma perspectiva emancipatória, enfatizando a valorização de suas múltiplas linguagens como artes visuais, música, dança, teatro e manifestações enquanto formas legítimas de expressão e conhecimento. A análise parte de uma crítica às abordagens pedagógicas tradicionais que reduzem a arte à função decorativa ou técnica, restringindo seu potencial formativo. Defende-se a necessidade de superação de práticas pedagógicas limitadoras, por meio da proposição de um currículo que valorize a experimentação estética, a diversidade cultural e a escuta sensível como fundamentos do processo educativo. Ao se compreender a arte como linguagem e forma de conhecimento, o ensino artístico adquire relevância formativa ampliada, consolidando-se como elemento essencial na constituição de uma educação democrática, crítica e culturalmente significativa.

Segundo Domingues (1997), os artistas contemporâneos passaram a explorar novas formas sensíveis de criação, incorporando tecnologias às suas produções. Essa prática reflete uma mudança significativa na relação do ser humano com o mundo, especialmente após a revolução informacional. A arte interativa, cada vez mais presente no cotidiano, está acessível mesmo àqueles que não se consideram artistas ou conhecedores da área, seja por meio do uso de CDs, plataformas digitais ou ferramentas eletrônicas diversas. Assim, o sujeito moderno torna-se também um agente e coautor de novas manifestações artísticas.

A autora defende ainda que, além de atual, a arte deve ter um caráter humanizador. Para tanto, é necessário deslocar o foco exclusivo da estética, dando ênfase ao gesto criativo e à expressão pessoal do artista. A arte contemporânea circula em redes abertas e globais, o que permite a construção de um diálogo multidimensional. No entanto, esse novo cenário também gera debates, especialmente quanto à perda de vínculos com instituições formais e à diluição de estruturas hierárquicas historicamente presentes no campo artístico.

Domingues (1997) observa que essa circulação livre da arte nas redes digitais representa um rompimento com os padrões institucionais e privados, possibilitando novas formas de organização social, cultural e política. A tecnologia, nesse contexto, passa a integrar discretamente a vida cotidiana, produzindo transformações significativas nos modos de viver, pensar, sentir e se expressar. Isso também impacta a definição contemporânea de cultura, tornando-a mais fluida, interativa e participativa.

A globalização, portanto, deve ser compre-

endida não apenas como um processo econômico, mas também como uma reestruturação cultural, marcada pela intensa troca de conhecimentos e pela reconfiguração das identidades individuais e coletivas. A arte, inserida nesse cenário, ganha um enfoque contemporâneo, assumindo novas formas, temas e públicos. O perfil do espectador também se transforma: ele deixa de ser mero observador para tornar-se participante ativo no processo artístico.

"Surge um novo espectador mais participativo, que através de interfaces tem acesso à obra proposta. São as interfaces amigáveis que permitem as trocas do espectador com as fontes de informação." (DOMINGUES, 1997, p. 49).

Nesse contexto, é fundamental desenvolver propostas pedagógicas que promovam a interatividade e o engajamento dos sujeitos com as diversas linguagens artísticas. Isso possibilita que todos os indivíduos possam vivenciar e contribuir com diferentes formas de expressão, favorecendo uma arte atualizada, dinâmica e sensível às transformações sociais.

Domingues (1997) também destaca a necessidade de compreendermos a arte como uma criação coletiva, que demanda a coautoria dos participantes, antes considerados apenas público. Tal concepção propõe o abandono de modelos preestabelecidos e a valorização das potencialidades e habilidades individuais, sem desprezar os aspectos estéticos, mas ampliando o olhar para o processo criativo e sua relevância social e educacional.

. CONCLUSÃO

A presente pesquisa teve como propósito principal refletir sobre a arte enquanto proposta humanizadora e instrumento para a formação integral do indivíduo no contexto educacional. Ao longo do desenvolvimento deste trabalho, foi possível identificar e analisar fundamentos teóricos e evidências práticas que reforçam a relevância da arte como campo essencial para o desenvolvimento cognitivo, afetivo, social e cultural dos sujeitos.

Durante a elaboração dos capítulos, buscou-se aprofundar a fundamentação teórica que evidencia a importância da arte na sociedade e sua constante transformação em função das demandas sociais, culturais e históricas. Observou-se que, embora a arte se modifique conforme o contexto e o público a que se destina, ela deve preservar seu compromisso com a qualidade estética e com a expressão autêntica dos indivíduos, independentemente de tendências ou modismos.

A análise histórica revelou uma trajetória marcada por processos de valorização e ressignificação da arte, especialmente no âmbito educacional, demonstrando o quanto essa linguagem pode contribuir para a humanização das relações e para a construção de uma sociedade mais crítica, sensível e plural. Reconhecer a arte como ferramenta de ensino e formação cidadã é essencial para superar concepções restritas que a limitam a um papel meramente decorativo ou de entretenimento.

Nesse sentido, reafirma-se que a inserção intencional da arte no processo pedagógico pode estimular o protagonismo dos educandos, possibilitando-lhes expressarse, criar e refletir criticamente sobre o mundo que os cerca. A fundamentação teórica apresentada reforça essa concepção, evidenciando a arte como espaço privilegiado para a construção do conhecimento e a ampliação do olhar sensível.

A análise conduzida aponta que o ensino da arte, ao reconhecer e valorizar a diversidade de suas linguagens, configura-se como um campo estratégico para a promoção da emancipação cultural, social e cognitiva dos sujeitos em formação. A superação das práticas pedagógicas tradicionais, que restringem a arte a uma dimensão técnica ou decorativa, mostra-se imprescindível para o desenvolvimento de uma abordagem educativa que privilegie a experimentação, a criatividade e a reflexão crítica. Sob essa perspectiva, compreender a arte enquanto linguagem e forma legítima de produção de conhecimento potencializa sua função formativa, contribuindo para a constituição de sujeitos autônomos e capazes de dialogar criticamente com a diversidade cultural e social contemporânea.

Assim, a emancipação das diferentes lingua-

gens artísticas no contexto educacional reafirma seu papel como componente vital para a efetivação de uma educação democrática, plural e emancipatória, que visa à formação integral e à ampliação dos horizontes do conhecimento humano. Essa emancipação configura-se como imperativo para a construção de uma educação contemporânea que valorize a pluralidade cultural, a criatividade e a autonomia crítica dos sujeitos.

Reconhecer a arte como linguagem e forma legítima de conhecimento permite romper com práticas pedagógicas limitadoras, que relegam a disciplina a um papel secundário ou meramente decorativo. Ao promover currículos inclusivos, experimentais e sensíveis às múltiplas expressões artísticas, o ensino da arte assume um papel central na formação integral dos estudantes, contribuindo para a construção de uma sociedade mais democrática, plural e reflexiva. Dessa forma, a busca pela emancipação das linguagens da arte transcende o desafio educacional, configurando-se como um compromisso ético e político com a transformação social e cultural.

Por fim, defende-se que é plenamente possível promover o desenvolvimento de habilidades humanas e sociais por meio da arte, contribuindo para a formação integral dos indivíduos. A arte, em suas múltiplas manifestações e linguagens, deve ser valorizada como um campo de conhecimento que transcende o estético e o técnico, assumindo seu papel transformador. Como desdobramento, sugere-se que futuras pesquisas aprofundem a discussão sobre a implementação de práticas artísticas efetivas, críticas e inclusivas no ambiente educacional contemporâneo.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. N° 9.394 de 20 de Dezembro de 1996. Editora do Brasil.

DOMINGUES, Diana. A Arte no século XXI:A humanização das Tecnologias. 2.ed.São Paulo:Unesp, 1997. MARTINS, Miriam Celeste. PICOSQUE, Gisa. GUERRA,M. Terezinha Telles. Didática do Ensino de Arte. São Paulo: FDT, 1988.

PARÂMETROS, Curriculares Nacionais. Arte. 2. Ed. Brasília: DP&,2000. SOUZA, Jussara(Org.). Música, cotidiano e educação. 2.ed. Porto Alegre: Programa de Pósgraduação em Música da UFGRS,2000.